

O PROBLEMA DA TEMPORALIDADE PARA OS ESTUDOS DA EUROPA NÓRDICA: A “ERA VIKING”⁹²

Renan Marques Birro⁹³

RESUMO

A utilização de temporalidades (ou eras) para o Estudo da Europa Nórdica (compreendida sem limites muito estritos como os atuais países Nórdicos, o Leste da Alemanha e o Leste Europeu) foi empreendida como um exercício didático para simplificação dos estudos e detecção de tendências artístico-estilísticas, culturais, sociais e tecnológicas durante a Antiguidade e o Medievo. Porém, os avanços da Arqueologia, de estudos comparativos e micro-analíticos tem pulverizado esse panorama conforme a observação minuciosa de regiões específicas. Assim, propus neste artigo uma breve retrospectiva até a quase reinvenção das palavras “Viking” e “Era viking” no contexto do nacionalismo, pós-colonialismo e na busca de identidade da Inglaterra vitoriana no século XIX e seus usos através das últimas centúrias.

Palavras-chave: Era Viking; Temporalidade; Europa Nórdica

ABSTRACT

The utilization of ages for Northern European Studies was understood as a didactical exercise, to improve the studies' simplification and the detection of artistic-stylistic, cultural, social and technological tendencies during the Antiquity and the Middle Ages.

⁹² Dedico este artigo ao amigo e mui estimado Prof. Dr. José Inaldo Chaves Júnior (PPGH/UFF), que inspirou meu esforço dissertativo com um excelente texto sobre a historiografia e a identidade paraibana em sua dissertação de mestrado.

⁹³ Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense, Professor Convidado do *Curso de Especialização em História Antiga e Medieval* da UERJ (CEHAM/UERJ), diretor das séries *Alumni* e *História e Literatura Germano-Escandinava* (DLL/UFES) e diretor da *Revista Mirabilia* (www.revistamirabilia.com). Email: rbirro@gmail.com.

Nevertheless, the improvement of Archaeology, the comparative studies and micro-analytcs studies have pulverized this framework as a minute observation of specific contexts and regions. Thus, I offered in this article a short retrospective until the *quasi* reinvention of the words “Viking” and “Viking Age” according the nationalism, pos-colonialism and the search of identity in the Victorian England (19th century), and their uses in the last three centuries.

Keywords: Viking Age; Age; Northern Europe

O período conhecido como *Era Viking* é uma construção acadêmica tardia, usado como ferramenta didática para delimitar a cultura peculiar desse período, um *zeitgeist*. Certamente os homens daquele tempo que receberam posteriormente a alcunha de vikings não sabiam que viviam nesse recorte temporal, o que dificulta a definição de datas mais estritas. De maneira geral, os eruditos obedecem a limites entre 750 e 1266 (BRINK, 2008: 05; HOLMAN, 2003: 02-03).

Ademais, o trabalho independente de pesquisadores com indícios, tendências epistemológicas, categorias, métodos de pesquisa e ciências diferentes, sem mencionar as tentativas para que certa área do conhecimento preponderasse sobre as demais causou diferentes efeitos: a fragmentação dos recortes estabelecidos, a demarcação de áreas cada vez menores para esta ou aquela “Era” em relação às regiões vizinhas, e até mesmo a contradição das divisões e dos limites pré-estabelecidos (MYHRE, 1993: 182-194).

Tal preocupação é fundamental num período em que a produção nacional sobre a Escandinávia Viking e Medieval tem frutificado, vide o crescente interesse na área e a criação e o fortalecimento de grupos sobre a temática. Apesar do crescimento de trabalhos em todos os âmbitos acadêmicos (Graduação e Pós-Graduação), a reflexão sobre termos fundamentais da Europa Nórdica ainda é pequena, e a utilização de termos de maneira deliberada pode causar futuras fragilidades conceituais.

Outrossim, o termo *Era viking* é utilizado não apenas para os pesquisadores da área, mas também pelos colegas que estudam o mesmo recorte temporal em outras

sociedades: os homens do Norte estabeleceram ligações amistosas ou beligeras com diversas culturas diferentes, tanto no Ocidente quanto no Oriente.

Nestes termos, o desconhecimento da história do conceito, seus usos através do tempo e as implicações ao utilizar uma proposta de datação de maneira ingênua podem ocasionar a superficialidade de trabalhos que utilizam parâmetros comparativos ou interculturais, a simplificação ou taxação errônea de grupos de indivíduos.

Outra consequência é a adoção sem reflexão de tendências historiográficas nacionais, que obedecem a razões como a formação da identidade nacional e/ou façanhas militares que pretensamente como divisores de águas, utilizações que nada devem aos primeiros desenvolvimentos da *histoire événementielle* (DOWNHAM, 2012: 01-12).

Apesar dos perigos elencados, poucos eruditos refletiram sobre a história conceitual deste marco temporal. A maior parte dos esforços concentrou-se nas balizas em si, ou seja, nos extremos que determinam o início e o fim da *Era Viking*, a partir de princípios técnicos, ambientais, demográficos, econômicos, políticos, ideológicos e étnicos (BARRETT, 2008: 671-685; DOWNHAM, 2012: 01-12).

O parâmetro étnico, por sua vez, suscita novos problemas, que vão desde a origem do termo até as revisões nas últimas décadas da formação de identidades na Escandinávia e nas comunidades escandinavas além-mar, fatores fundamentais para identificar o *zeitgeist* “viking”.

Além disso, é preciso lembrar o papel da academia e da literatura ao rememorar as ondas escandinavas no século XIX, assim como seu papel crucial no estabelecimento das identidades nacionais frente às transformações daquele tempo. Assim, a noção de ser inglês – ou britânico, norueguês, escocês e islandês, por exemplo, deve muito aos eruditos e beletristas da era romântica e vitoriana (WAWN, 2002: 03-33).

Para melhor discorrer sobre temas aparentemente diferentes, recorri a pequenos recortes sobre o desenvolvimento dos termos *viking* e *Era viking*, seguido pelas transformações do final dos séculos XVIII e XIX. Por fim, eu encerrei com o avanço dos

métodos e técnicas de pesquisa que ocasionou a subdivisão deste recorte temporal, sem ignorar as influências de certas escolas historiográficas e as transformações dentro delas com o decorrer do tempo a partir de exemplos e citações indiretas.

VIKING E ERA VIKING: AS ORIGENS

Ao verificar os indícios da época, notamos que o uso do substantivo *vikingr* (m., pl. *vikingar*) foi bastante controverso na poesia escáldica e nas inscrições rúnicas. Ora indica uma noção de grupo perante o inimigo, ou como sinônimo do grupo inimigo. Assim, ele poderia servir como um “nós” em relação a “eles”, embora seja uma leitura frágil, controversa e marcada por inúmeros debates (JESCH, 2001: 44-54).

O substantivo abstrato *víking* (f.), por sua vez, menos citado e, portanto, mais limitado, fornece novos indícios. Seu uso em sentenças no formato “í víkingu” (“em viking” ou “à viking”) pode significar em atividades viking, i.e., comércio ou na guerra, mas sem ignorar as possibilidades de identidade e alteridade do substantivo *vikingr*. Em suma, para Judith Jesch, as palavras *vikingr* e *víking* não ajudam a definir exatamente o que aqueles homens faziam além-mar na Era Viking, e uma análise mais ampla faz-se necessária para identificar o significado destes termos (JESCH, 2001: 54-57).

Estes termos ficaram séculos em desuso, até que George Chalmers (1742-1825), um antiquário e escritor político escocês, publicasse o primeiro volume da obra chamada *Caledonia* ou *A historical and topographical account of North Britain, from the most ancient to the present times* (*Uma narrativa histórica e topográfica do Norte da Britania, dos tempos mais antigos até hoje*) em 1807.

A obra é um enorme compêndio inacabado dividido em livros, que trataram sucessivamente sobre os romanos, os pictos, os escoceses e o período escoto-saxão entre 80 e 1306. Trata-se de uma história de forma condensada dos escoceses a partir da

linguagem, da história civil e eclesiástica, da agricultura e do comércio (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, Vol. 5, 1910-1911: 808-809).

Coube a este ferrenho defensor da monarquia a primeira menção a palavra *viking* no inglês moderno. Ao citar as refregas intestinas da porção Norte da Ilha no final do século VIII, Chalmers acrescentou que

Enquanto o povo picto estava então afligido pela guerra civil, eles estavam expostos às destrutivas incursões de seus empreendedores vizinhos do nordeste. Os governos anárquicos da Noruega, Suécia e Dinamarca durante a idade média produziram os reis piratas dos mares do norte. **Os Vikingr** [sic], se nós excetuarmos os fictícios reis dos gregos, foram únicos na história mundial [...] Os reis piratas foram por muito tempo o flagelo dos marinheiros de cada nação que navegavam nos mares europeus⁹⁴.

Filho de seu tempo, o escocês reproduziu alguns reflexos da produção histórica coeva de sua época. O primeiro foi a ênfase em governos no século VIII – embora anárquicos – que correspondiam aos reinos nórdicos da virada do século XIX, uma ideia refutada por boa parte dos eruditos atuais (Krag, 2003: 184-201).

De fato, esta evidência fazia parte do contexto da época, como é possível notar no prefácio do *Histoire de Dannemarc (História da Dinamarca, 1763)* escrito pelo professor suíço Paul-Henri Mallet. A obra logo se tornou uma referência e foi traduzida para o inglês em 1770 por Thomas Percy, que incorporou notas e alterou o título da obra para *Northern antiquities (Antiguidades Nórdicas)*, além de alterar partes consideráveis da obra com certa liberdade (Parker, 2005: 257-261).

No primeiro parágrafo do prefácio da obra, Mallet afirmou a importância da história de um Estado independente e de sua utilidade própria independente das

⁹⁴ “While the Pictish people were thus afflicted with civil war, they were exposed to the destructive incursions of their enterprising neighbours on the north-east. The anarchical governments of Norway, Sweden, and Denmark, during the middle ages, produced the pirate kings of the northern seas. The Vikingr, if we except the fictitious king of the Greeks, are unexampled in the annals of the world [...] The pirate kings were long the scourges of the shipmen who sailed from every nation on the European seas” (Chalmers, 1887: 212-213. O grifo é meu).

circunstâncias, e que a recepção dessa história pode ser melhor num tempo do que em outro (1763, p. i)⁹⁵. Percy, por outro lado, alterou a palavra *Etat* (estado) por *a considerable people* (um povo considerável) na tradução do mesmo parágrafo (MALLET, 1770: xlix)⁹⁶.

Outrossim, ele ainda ofereceu aos leitores um prefácio próprio (chamado na obra de prefácio do tradutor) quase cinco vezes maior que o original (PERCY, 1770: i-xlvi). Seja como for, as palavras *Etat* e *state* (Estado) foram utilizadas quarenta vezes no texto original e na tradução, o que comprova a importância desse termo (MALLET, 1763; MALLET, 1770).

Segundo, a reintrodução da palavra *vikingr* (ou *viking*, *vikinger*, *vikingir*, *wiking*, ou ainda *wicking* em outras obras) no texto de Chalmers em 1807 levou a interpretação errônea do termo: alguns a consideraram a fusão de *vi-king* (*wyg-cyng*, “rei guerreiro”, ou *wic-ing*, “pirata que margeia estuários”) nos termos de *sea-kings*, o que deu origem ao ainda utilizado epíteto de *reis dos mares* (COHAT, 1991; WAWN, 2002: 71).

Ao observar a *Crônica Anglo-Saxônica*, é perceptível que a palavra *wicenga* (gen. pl.) e suas variantes foram usadas pouquíssimas vezes: 879 (Ms. D e E), 880 (Ms. B e C), 885 (Ms. A, D e E), 886 (Ms. B), 917 (Ms. A), 918 (Ms. B e C) e 982 (Ms. C) (*Anglo-Saxon Chronicle*, 2007). Após um longo silêncio que atravessou a Idade Média e a Era Moderna, o termo foi recuperado nas hesitantes transliterações do século XIX supracitadas.

A expressão *Era Viking*, por sua vez, não poderia ter surgido antes. Curiosamente, ela parece ter nascido não na Inglaterra, mas na Noruega. E. C. Werlauff mencionou a *Vikingtid* num artigo sobre a presença escandinava na Península Ibérica entre os séculos IX

⁹⁵ Si l'histoire d'un Etat considerable a toujours une utilité propre et independance des circonstances, il faut convenir qu'il y a des term ou elle ne peut manquer d'être mieux reçue que dans d'autres (MALLET, 1770: xlix).

⁹⁶ If it be allowed that the History of a considerable people is itself useful and interesting, independent of all accidental circumstances, it must also be acknowledged that there are certain points of time, when such a History runs a better chance of being received than at any other.

e XIII no *Annaler for Nordisk oldkyndighed og historie (Anais da Antiguidade e História Nórdica)* de 1836 (WELERLAUFF, 1836: 48).

Porém, o termo parece ter alcançado uma grande difusão no meio escandinavo na segunda metade do século XIX graças a alguns trabalhos de Svend Hersleb Grundtvig: o artigo *Udsigt over den nordiske oldtids heroiske digtning (Um olhar sobre a antiga poesia heróica nórdica)* publicado no *Nordisk universitets-tidskrift (Jornal Universitário Nórdico)* de 1863 (vol. 9); o livro *Om nordens gamle literatur (Sobre a antiga literatura nórdica)* de 1867; e, por fim, numa crítica aos livros *Bidrag til den oldnordiske literaturs historie (Contribuições para a história da literatura nórdico antiga, 1866)* de N. M. Petersen e *Nordmændenes Videnskabelighed og Literatur i Middelalderen (Saber e literatura norueguesa na Idade Média, 1866)* de R. Keyser.

Mas quem foi Grundtvig? Ele nasceu em 1824 em Copenhague, e desde cedo foi educado por seu pai e grande erudito, Nikolaj Frederik Severin Grundtvig (1783-1872), em diversas línguas, como o islandês, o latim, o dinamarquês e o anglo-saxão. Seu pai ainda ensinou pessoalmente a mitologia nórdica, a narrativa de Saxo Gramático e as baladas folclóricas da Dinamarca (DANSK BIOGRAFISK LEKSIKON, 2013).

Quando alcançou quatorze anos, Nikolaj entregou a Svend um manuscrito de 1656 que continha uma antiga balada, atitude que impulsionou o interesse do filho na música folclórica dinamarquesa e que se transformou no trabalho de sua vida (HØYRUP, 2008: 433-434).

Aos 19 anos, após uma viagem de estudos na Inglaterra, Grundtvig publicou traduções dinamarquesas de baladas e contos ingleses e escoceses (*Engelske og Skotske Folkeviser, 1846*), antes de dedicar sua vida e labor aos contos e baladas dinamarquesas.

Ele ainda encorajou o povo de sua nação a lembrar as baladas ainda em uso popular num manifesto publicado em 1844, e em 1854 Grundtvig estendeu esse apelo para todo tipo de folclore, o que atraiu uma rede de colaboradores. Todo esse esforço resultou em duas publicações de três volumes cada, a *Danske Minder (Memórias dinamarquesas,*

1854-1861) e a *Danske folkeæventure* (*Aventuras populares dinamarquesas*, 1876) (HØYRUP, 2008: 433-434).

É provável que a viagem do dinamarquês para as ilhas britânicas tenha rendido contatos úteis durante sua progressão erudita, laços que foram fortalecidos com o posterior sucesso de Grundtvig em sua terra natal. Em 1860 ele teve seu trabalho sobre baladas dinamarquesas traduzido para o inglês por R. C. Alexander Prior, e recebeu uma fina, longa e benéfica crítica no *The Athenaeum* (1860: 343-345).

A partir desse momento, o estudioso das baladas nórdicas atraiu cada vez mais a atenção de seus colegas de língua inglesa (SYLVANUS URBAN, 1863: 12; HAMILTON, 1863: 45; AINSWORTH, 1864: 480; THE NATION, 1868: 480). Quase concomitantemente, a palavra *viking* passou a ser empregada com mais força em muitas publicações: *The Viking: an epic*, *The History of Scandinavia from the Early times of the Northmen and Vikings to the present day*, *The Vikings of the Baltic*, *Viking tales of the North*, apenas para elencar textos da década anterior e posterior aos trabalhos de Grundtvig (ZAVARR, 1849; SINDING, 1860; DASENT, 1875; ANDERSON, 1877).

Graças a estes contatos, o termo *Vikingtid* foi provavelmente traduzido para o inglês *Viking Age*, e seu uso paulatinamente foi sendo incorporado pelos anglófonos. A expressão foi consolidada em 1889, quando P. du Chaillu publicou sua obra *The Viking Age* (CHAILLU, 1889).

O uso cada vez maior força a seguinte questão: a palavra *viking* recebeu um novo significado durante o século XIX? Ao que tudo indica, um significado novo e positivo foi atribuído à palavra e aos estudos da área, vide a massa de publicações sobre o tema. Neste intuito, basta recobrar as palavras de George Chalmers (“Os reis piratas foram por muito tempo o flagelo dos marinheiros de cada nação [...]”, 1807: 212-213) e compará-las a descrição do personagem Syr Henri Curtis na famosíssima obra *King Solomon’s mine* (*As minas do rei Salomão*, 1889) cerca de oitenta anos depois:

“Eu nunca vi um homem tão bem apessoado, e de certa forma ele me lembrou um antigo dinamarquês. Não que eu conhecesse muito sobre os antigos dinamarqueses, apesar de eu me lembrar de ter visto certa vez uma pintura dessa gente, que, a meu ver, são um tipo de **Zulus brancos**” (HAGGARD, 2010: 03, publicado originalmente em 1885. O grifo é meu)⁹⁷.

Portanto, quais transformações a palavra “viking” sofreu nas ilhas britânicas na virada do século XVIII para o XIX? Quais foram as razões para essas transformações?

A PAULATINA VALORIZAÇÃO DOS VIKINGS E A IDENTIDADE NACIONAL NA GRÃ-BRETANHA NOS SÉCULOS XVIII E XIX

“De muitas maneiras os vitorianos inventaram os Vikings” (WAWN, 2002: 03). Para além de reintrodução da palavra *viking* e outras derivadas ou vinculadas a ela no século XIX – como *Norsemen* (homem do Norte) e *Odin* (deus nórdico) –, é preciso voltar no tempo para notar como estes navegantes de além-mar foram considerados nas ilhas britânicas (WAWN, 2002: 03-05).

De fato, retornarei bastante no tempo. Na *Vita Ælfredi regis Angul Saxonum* (c. 893), o monge Asser (f. 908) registrou no ano de 795 que os homens do Norte atacaram a Britania e dividiram sua hoste em duas partes: uma avançou para o Norte e submeteu a Northúmbria. “A outra parte, com Guthrum, Oskytel e Anwiund, três reis dos pagãos, dirigiu-se para Grantabridge [Cambridge] e lá invernavam”⁹⁸.

Este último grupo avançou no ano seguinte do Centro-Oeste da ilha para Werham (atual Wareham, Dorset), no extremo Sul, e ameaçou a segurança de um mosteiro vizinho em curto prazo, e em longo prazo a estabilidade política de Wessex. O rei Alfredo,

⁹⁷ “I never saw a finer-looking man, and somehow he reminded me of an ancient Dane. Not that I know much of ancient Danes, though I remember once seeing a picture of some of those gentry, who, as I take it, were a kind of **white Zulus**” (HAGGARD, 2010: 03, publicado originalmente em 1885. O grifo é meu).

⁹⁸ “Altera quoque pars cum Gothrum et Osscytil et Anvind, tribus paganorum regibus, ad locum, qui dicitur Grantebrycge, pervenit et ini hiemavit” (ASSERIUS, anno 795).

temeroso pela presença dos temíveis adversários tão próximos de si, fez um acordo com os invasores, que aceitaram ir embora após trocar reféns e jurar sobre relíquias da Igreja (ASSERIUS, anno 876).

Mas eles praticaram novamente sua usual traição, e com poucas preocupações quanto aos reféns ou seus juramentos, eles quebraram o tratado, e navegaram logo a noite, assassinaram todos os cavaleiros que os cercavam, e rumaram de Devon para outro lugar chamado em saxão de Exanceaster, em britânico Cairuusc, que em latim significa cidade do Ex, situada na porção leste do rio Uisc, e de lá eles tomaram curso subitamente para os mares do sul, que dividem a Britania e a Gália, e lá invernam⁹⁹ (ASSERIUS, anno 786).

Testemunhos similares foram atribuídos aos escandinavos daquele tempo na *Crônica Anglo-Saxônica* (anno 892, por exemplo). Assim, os invasores foram tachados de saqueadores, perjuros e traidores nas fontes anglo-saxônicas, e a impressão destes indícios no início do século XVIII facilitou a permanência e a profusão dessa imagem mental (PARKER, 2009: 257-275).

De fato, basta retomar a encenação aristocrática *Alfred: a masque* (1740) de David Mallet e James Thomson para notar o vigor do caráter negativo dos rapinantes do Norte. O rei Alfredo, num diálogo com o rei dinamarquês sobre a recente derrota deste, tece as seguintes considerações:

Veja, por fim, ó rei,
Em teu triste destino, que até mesmo um inimigo lamenta,
Vê e reconheces a mão imparcial do céu
Por violar juramentos e saquear reinos
Pelo acúmulo de culpa com base numa guerra pérfida.

⁹⁹ Sed, more suo, solita fallacia utens, et obsides et iuramentum atque fidem promissam non custodiens, nocte quadam, foedere disrupto, omnes equites, quos habebat, occidit, versusque inde [Domniam] ad alum locum, que dicitur Saxonice Exanceastre, Britannice autem Cairuisc, latine quoque civitas (Exae, quae) in orientali ripa fluminis Uisc sita est, prope mare meridianum, quod interluit Galliam Britanniamque, inopinately direxit, et ibi hyemavit (ASSERIUS, anno 786).

Essa é uma retribuição muito justa¹⁰⁰ (MALLETT & THOMSON, 1751: 59. A primeira versão é de 1740).

Tal descrição negativa prevaleceu até a primeira parte do século XIX. Num primeiro momento, Alfredo foi usado como um protótipo nacional que competia com os poucos entusiastas do legado nórdico nas ilhas britânicas, e os ingleses tendiam a identificar-se com os próprios anglo-saxões (PARKER, 2009: 257-275).

Porém, na segunda metade do século XIX, a atitude dominante dos vitorianos perante os vikings mudou sobremaneira: os contatos dos britânicos com tribos não-cristãs ao longo do Império reforçou as ideias de educação e aculturação desses povos, aumentando a tolerância e a compreensão de estranhos costumes (PARKER, 2009: 257-275).

Julian D. Richards, na famosa e útil obra *The Vikings: a short introduction (Os Vikings: uma brevíssima introdução, 2005)*, comentou sobre os primeiros entusiastas do século XIX da temática escandinava na Inglaterra. “Em geral, porém, quando os Vikings eram descritos por historiadores ingleses, eles eram tratados como bárbaros traiçoeiros e como frustrados pelo grande herói Rei Alfredo” (2005: 123).

No entanto, essa crítica é verdadeira apenas para parte do século XIX e ignora os trabalhos de ficção histórica desenvolvida no final do século e no início do século seguinte. De fato, é possível identificar ainda alguns trabalhos simpáticos aos escandinavos antes de 1850 (PARKER, 2009: 257-275).

Ademais, a segunda metade do século XIX assistiu a necessidade de formar uma identidade britânica que fosse capaz de abarcar todo império, ou ao menos seus súditos mais caros, i.e., insulares. Para tanto, elementos escandinavos foram reclamados como parte integrante do que deu origem aos ingleses. Charles Kingsley, em suas memórias publicadas em 1890, mas redigidas c. 1850-1851, ao defender a unidade da Igreja do

¹⁰⁰ “See, at last, O king, | In thy sad fate, which even a foe laments, | See and acknowledge heavens's impartial hand. | For violated oaths and plunder'd realms, | For the heap'd guilt of base perfidious war, | This retribution is most just” (MALLETT & THOMSON, 1751: 59. A primeira versão é de 1740).

reino, “Eu digo que a Igreja da Inglaterra é maravilhosamente e misteriosamente assentada para a alma da raça livre nórdico-saxã, para homens cujos ancestrais lutaram pelo lado de Odin e sobre quem uma descendente de Odin agora governa” (KINGSLEY, 1910: 203)¹⁰¹.

Sem dúvidas, o argumento de Kingsley era religioso e político. A defesa de uma “raça” nórdico-saxã exalta os valores do primeiro elemento sobre o segundo, uso outrora impensável. Outrossim, a defesa de uma rainha com sangue “viking” reflete a tendência vitoriana e imperial de incorporar os valores caros aos “reis dos mares”, mais adequados para o caráter expansionista da política britânica: intrepidez, colonos pioneiros, excelentes navegadores, democratas primitivos, amantes da poesia (WAWN, 2002: 04; PARKER, 2009: 257-275).

Assim, nota-se uma tendência integradora e de hibridização da população inglesa, que abarcasse escoceses, irlandeses e galeses. Outro bom exemplo desta disposição é a pintura de Daniel Maclise *Alfred, the Saxon King, disguised as a Minstrel, in the Tendo f Guthrum the Dane* (*Alfredo, o rei saxão, disfarçado como menestrel na tenda de Guthrum, o dinamarquês*, 1852).

¹⁰¹ I say that the Church of England is wonderfully and mysteriously fitted for the souls of a free Norse-Saxon race; for men whose ancestors fought by the side of Odin, over whom a descendant of Odin now rules (KINGSLEY, 1910, p. 203).



Imagem 1: A peça em óleo sobre tela demonstra na porção inferior muitos dinamarqueses com longas vestes alaranjadas, que cobrem cotas de malha. Alguns portam elmos, ombreiras e até mesmo coletes reforçados. Ademais, é possível observar que muitos usam longas barbas e cabelos e estão embriagados, alguns caídos e outros brindando. Na tenda, Alfredo foi disposto com uma veste de cor diferenciada e com uma incidência maior de luz, com o rosto virado, como se desejasse ocultar sua identidade verdadeira. Guthrum, por sua vez, está vestido como seus homens, além de cercado por mulheres e cinge uma coroa, e em sua mão esquerda repousa um corno com bebida. Nota-se a grande semelhança entre os dois personagens (a barba e o cabelo, por exemplo). **Fonte:** BBC paintings (2013).

A pintura demonstra uma semelhança impressionante entre o rei saxão e o líder dinamarquês, mas também deve ser notada por outra característica interessantíssima: trata-se da única representação de Alfredo com cabelos ruivos. Ao considerar o autor, nascido em Cork (Irlanda) e membro da Sociedade Irlandesa em Londres durante a década de 1850, percebe-se uma tendência de nacionalismo cultural “celta”, que opunha um rei local não como um representante inglês, mas como um irlandês – ou “celta” – e um dano-inglês (PARKER, 2009: 257-275).

Por fim, retomo Julian D. Richards. Em certa passagem de seu manual, ele afirmou que, na mente dos homens do século XIX, “os anglo-saxões eram nossos ancestrais,

enquanto os Vikings eram eles”¹⁰² (RICHARDS, 2005: 123). Como tentei ressaltar brevemente, as transformações na sociedade inglesa daquela época foram muito mais complexas, e adotar a perspectiva de Richards implica numa simplificação grosseira e temerária do passado.

LEITURAS SOBRE A ERA VIKING: SÉCS. XIX, XX E XXI

Dado tantos exemplos, seria incongruente ignorar o desenvolvimento do conceito de *Era Viking* no final do séc. XIX, no século XX e os atuais desdobramentos da mesma ideia. Propus um levantamento singelo, qualitativo e de linhas gerais, pois seria impossível levantar todas as propostas, obras, tendências epistemológicas, escolhas ideológicas e pessoais sobre o tema num artigo de poucas páginas.

Como afirmei outrora, Grundtvig foi o provável introdutor do termo *Era Viking* na Inglaterra, e o franco-americano Paul Belloni du Chaillu foi o primeiro a utilizá-lo no título de uma obra em 1889. Após levantar citações gregas, romanas, francas, russas, inglesas e árabes sobre os assentamentos nórdicos na Britania, este antropólogo afirmou que “a ‘Era Viking’ durou do segundo século da nossa era até meados do século XII sem interrupção [...]”¹⁰³ (CHAILLU, 1889: 26). Percebe-se, assim, que Chaillu considerou o período das ondas germânicas como parte integrante da “Era Viking”.

É possível recuperar essa associação em outra obra, mas com tons diferentes. Para Mary W. Williams, os “teutões” (germânicos) eram os ancestrais dos escandinavos que se estabeleceram na península homônima em eras imemoriais e que deixaram marcas raciais e culturais indelévels nos homens do Norte (1920: 07-13).

Ademais, ela considerou que o isolamento da península escandinava combinada com as condições climáticas e ambientais únicas forjou um individualismo distinto aos

¹⁰² “the Anglo-Saxons were the ancestral us, while the Vikings were them” (RICHARDS, 2005: 123).

¹⁰³ “the ‘Viking Age’ lasted from about the second century of our era to about the middle of the twelfth without interruption [...]” (CHAILLU, 1889: 26).

escandinavos, inclusive quanto à “fibra mental e moral” (“mental and moral fiber”, 1920: 15), a crença no destino inexorável (1920: 16), mistura que forjou certo individualismo útil para colonizadores (1920: 16-17). Por fim, Williams ressaltou muitas qualidades morais dos vikings, como a honestidade, a coragem, a condenação da imoralidade (1920: 18-22).

De maneira geral, não há uma delimitação estrita do período reconhecido como *Era Viking*. A historiadora apenas diferenciou uma fase primeva, marcada por pequenas incursões, assassinatos em massa, saques rápidos e a tendência a retornar para casa com o fim das expedições. Pelas fontes citadas, ela situou esse período em c. de 800, em contraste com a fase posterior, diferenciada pela captura de escravos em detrimento das mortes, mas sem um fim explícito (1920: 248-268).

Poucos anos antes, Laurence M. Larson tinha elaborado um parâmetro semelhante e confuso, ao distinguir duas fases: uma inicial, que ele não tratou em sua obra sobre o rei Knútr inn ríki (Canuto, o Grande, c. 985-1035) (1912: 01-05). A fase final, por sua vez, teve início no final do século X e encontrou seu ocaso exatamente com a morte e o fim do “império” canutiano no Atlântico Norte, em c.1035 (1912: 285-309; 1912: 331-340).

Diferente de Chaillu, Larson e Williams, Sir Allen Mawer, professor de Língua e Literatura Inglesa no Armstrong College, em New-Castle-on-Tyne durante o início do século XX, estabeleceu termos e recortes mais precisos logo no início da obra *The Vikings*. Para este erudito, o período chamado como “Viking” e as expressões derivadas desta - como “civilização Viking”, “Era Viking”, “movimento Viking”, “influência Viking” - tornaram-se um conciso e conveniente expediente para descrever toda uma civilização, atividade e influência dos povos escandinavos durante a metade do século VIII até a primeira metade do século XI (1912: 01-04).

Thomas D. Kendrick reconheceu o uso moderno das palavras viking e “período viking”, e que os nórdicos empregavam essa palavra para designar alguém que viajava para aventuras, comércio e guerra. A noção pejorativa, por outro lado, foi um atributo frísio-inglês devido ao aumento massivo das incursões a partir de c.790. Assim, ele

estabeleceu um início mais preciso. Para o fim desse recorte, ele sugeriu o flexível “meados do século XI”: o autor habilmente redigiu os feitos dos "povos vikings" ao invés de explicar as razões para o fim deste recorte (KENDRICK, 1930: 01-05).

George Macaulay Trevelyan, por outro lado, tentou criar um meio termo entre Chaillu, Williams e Larson. Ela propôs duas fases do que ela chamou de “invasão nórdica”, que estariam conectadas por comporem um grande grupo cultural comum: a primeira representada pela conquista anglo-saxônica e a segunda pela invasão, assentamentos e influência viking nas ilhas britânicas (TREVELYAN, 1942: 37-51, 69-81).

A partir de uma perspectiva econômica e da sociedade europeia, Herbert Heaton afirmou que “a grande era do movimento viking começou em c. 700 e durou por mais de três séculos” (HEATHON, 1948: 72)¹⁰⁴. Para chegar a esta conclusão, o autor vinculou as duradouras relações econômicas do Norte com o restante do continente, muito anteriores ao período das invasões. Assim, a era “militar” nórdica seria um dos desdobramentos do comércio pacífico que eles estabeleciam com os povos vizinhos séculos antes do assalto de Lindisfarne.

Até este momento, é possível perceber uma tendência inicial de considerar as migrações germânicas e escandinavas como um movimento único, composto por um grande grupo que compartilhava muitas similaridades para serem considerados independentes. Mawer, no entanto, proporcionou a especificação da *Era Viking* (sécs. VIII-XI), mas dentro de uma ótica inglesa (do saque dos mosteiros de Iona e Lindisfarne até a *Batalha de Hastings*, provavelmente).

Larson e Trevelyan, porém, dividiram a *Viking Age* em duas fases conforme critérios específicos: o primeiro na grandeza de Knútr, e o segundo pela natureza inicial diferente dos ataques, a saber, a busca por espólios de guerra. A definição *sui generis* da *Era Viking* em relação ao movimento germânico após o ocaso do Império Romano do

¹⁰⁴ “The great age of Viking movement began about 700 and lasted for more than three centuries” (HEATHON, 1948: 72).

Ocidente foi, portanto, um desdobramento da primeira metade do século XX. Outrossim, a divisão deste período em duas fases adquiriu força e passou a ser empregado cada vez com maior frequência.

O historiador galês Gwyn Jones, diferente de seus antecessores, ao iniciar seu clássico estudo sobre os homens do Norte, foi ainda mais preciso ao restringir a *Era Viking* ao período entre 780-1070, conhecido como “movimento viking” para fora da Península Escandinava. A referência de Jones é sobretudo não-escandinava, pois leva em conta o impacto escandinavo e seu movimento destrutivo e transformador na Europa Ocidental conforme o depoimento dos cronistas daquele tempo. Porém, ela considera a análise pura e simples destes relatos como deformadora, não apenas pela reação hostil dos eruditos medievais, mas também pela falta de explicações para o início da *Era Viking* nas fontes, assim como pelas razões inadequadas para seu fim (1958: 01-02).

Ainda mais preciso que Jones foi Harry Loyn, professor da University College of Cardiff, ao dissertar sobre os Vikings no País de Gales na *Dorothea Coke Memorial Lecture* da *Viking Society* em 1971. Ele tomou a *Era Viking* também em duas etapas: a primeira *Era Viking* com duração entre c.800 até c.950, marcada pelos ataques espasmódicos e esporádicos dos nórdicos, e uma segunda fase, entre 950 e meados do século seguinte, definida pela intensificação dos ataques. Curiosamente, o docente da universidade galesa ainda comentou a influência dos nórdicos após a conquista normanda, passo que levou a ampliação da *Era Viking* por alguns eruditos até o fim do século XI (LOYN, 1977: 04-07).

Para Hilda Roderick Ellis Davidson, por sua vez, a Era Viking ficou caracterizada pelo desenvolvimento de excelentes navios e armas notáveis, equipamentos necessários para os ataques contra os reinos medievais de então. Quanto à duração, ela adotou marcos pouco ortodoxos (c.850-c.1050), e tomou como um indício do fim deste período a penetração da religião cristã entre os nórdicos, perceptível pelas gravações de mitos e símbolos pré-cristãos juntamente com imagens de Cristo ou cruzes cristãs (DAVIDSON, 1988: 07-10).

De maneira concisa, Thomas A. Dubois considerou a *Era Viking* numa perspectiva político-religiosa de maneira próxima a Davidson, i.e., determinada pelo período entre os anos 800 e 1300. Os limites seriam o expansionismo viking até a posterior era de consolidação e Cristianização dos homens do Norte abordada pelas sagas islandesas (1999: 04-05).

Logo no início do século XXI, Eric Christiansen criticou os termos emprestados como *anglo-saxão*, *normando*, *merovíngio*, *viking*, pois são pontos de partida que precisam ser abandonados. Assim, a escolha de datas precisas foi igualmente criticada, e o erudito apontou que os eruditos escandinavos tem redefinido a Era nos termos da teoria do desenvolvimento, ou seja: a partir de certos níveis de organização política, os líderes puderam rumar para Oeste em seus navios (CHRISTIANSEN, 2002: 05-07).

Christiansen apontou ainda as falhas nas tentativas de delimitação temporal que arqueólogos e historiadores desenvolveram de forma independente. Para tanto, adotou uma curiosa comparação:

Um desafortunado viajante navegando de Bremen até Novgorod pouco após o ano 1100 passaria do período saliano para a Alta Idade Média, da Era Viking Tardia ao período das Cruzadas (Oeste da Finlândia), e da Era Viking novamente (Leste da Finlândia) para o período de Kiev¹⁰⁵ (CHRISTIANSEN, 2002: 07).

Por fim, ele ainda afirmou que há muitos “rótulos” que não são delimitados perfeitamente, e seria preciso adotar princípios unificadores mais flexíveis e interpenetráveis, simplificados a seguir, mas que ainda devem ser considerados variáveis e como parte de lentas transformações:

1. Do paganismo ao cristianismo: 700-1250 pode ser um tempo realista, mas não ocorreu uma substituição de um pelo outro até 1050 ou pouco além.

¹⁰⁵ An unfortunate traveller sailing from Bremen to Novgorod shortly after the year 1100 would pass from the Salian period to the Early medieval to the Late Viking to the Crusading (west Finland) to the Viking again (east Finland) to the Kievan (CHRISTIANSEN, 2002: 07).

2. Centralização da autoridade: sem mudanças permanentes até 1050.
3. Da ausência da urbanidade aos assentamentos parcialmente urbanos: 750 em diante, em alguns lugares, com algumas limitações.
4. Da ausência de mercado para um período comercial: coexistente c.600-1200.
5. Aumento da produtividade, incremento dos excedentes: c.600-1300 (CHRISTIANSEN, 2002: 08).

No bojo da questão, Forte, Oram e Pedersen reforçaram a periodização tradicional da história europeia conhecida como *Era Viking* e datada entre c.800-1050, e as prováveis balizas são o início dos ataques e o estabelecimento de reinos com fronteiras políticas bem definidas, familiares aos limites atuais. Para os autores, esta foi o principal legado dos escandinavos à posteridade (2005: 02-03).

Todavia, poucas páginas depois, os autores se debruçaram mais uma vez sobre a questão, principalmente quanto ao término do período. Para eles, o crepúsculo da *Era Viking* mudou conforme a tendência historiográfica, as motivações nacionais e a episódios militares únicos e que foram capazes de mudar o curso dos eventos definitivamente. Neste ínterim, os historiadores ingleses apontam a *Batalha de Stamford Bridge* (1066), enquanto seus colegas dinamarqueses preferem 1085, ano da grande invasão de Knutr IV a costa de Jylland (Jutlândia). Os historiadores escoceses, graças à presença escandinava nas ilhas do extremo Norte até meados do século XIII, preferiam a *Batalha de Largs* em 1263 e o subsequente *Tratado de Perth* (1266) como o ocaso da iniciativa viking (FORTE, ORAM & PEDERSEN, 2005: 04-05).

Angus & McDonald, curiosamente, empregaram apenas duas páginas foram dedicadas à explicação do título da obra *The Viking Age: a reader*. Eles propuseram a *Era Viking* numa perspectiva simultaneamente tradicional e renovadora, pois seu início teria

ocorrido no final do século VIII, com destaque para o saque do mosteiro de Lindisfarne (ou Lindisfarena) em 793 (2010: xiv-xv).

O término do recorte, porém, oscilou conforme a região: a *Batalha de Contarf* (1014) para a Irlanda e o fim do “Império” de Knutr (1035) na Europa Nórdica para uma perspectiva mais geral. Os autores não desconsideraram a tradicional *Batalha de Stamford Bridge* (1066) como uma possibilidade, a última grande tentativa de invasão nórdica em algum território ocidental, e determinaram a intervenção punitiva de Hákon IV († 1263) nas ilhas britânicas como a mais tardia manifestação desse *zeitgeist* (ANGUS & McDONALD, 2010: xiv-xv).

Nos últimos anos, foram apresentadas ainda versões revisionistas da *Era Viking*. Para Fredrik Svanberg, este período representa uma criação do final do século XIX baseado no nacionalismo e em ideias evolutivas, numa espécie de colonialismo do passado. Em sua obra *Decolonizing The Viking Age (Descolonizando a Era Viking)*, ele sugeriu uma desconstrução das ideias principais a partir de estudos baseados no Sudeste da Escandinávia, com ênfase na semântica das paisagens culturais, da temporalidade e das conexões entre rituais mortuários e comunitários de grandes grupos humanos (SVANBERG, 2003).

Na mesma esteira revisionista mas sob um viés econômico, Richard Hodges empreendeu um longo esforço para demonstrar que os ataques nórdicos não foram o causador das mudanças no Atlântico Norte, mas uma resposta ao declínio da economia baseada em *emporía* e nas mudanças na sorte da política Carolíngia (HODGES, 2006: 157-162).

Outra tendência que aponta para a fragmentação deste recorte temporal são os estudos que se opõem a identidade nacional com as perspectivas de etnicidade, padrões de migração, identidades híbridas e o papel do gênero para a manutenção de práticas e costumes após ondas migratórias. Ao criticar as interpretações nacionalistas, estas pesquisas sugerem um ambiente étnico-cultural multifacetado e recortado em várias

camadas interpenetráveis. Neste ínterim, o sucesso viking deveu-se a capacidade de adaptação e mudanças conforme as circunstâncias (DOWHAM, 2012: 01-08; PARKER, 2009: 257-275).

Por fim, ainda quanto à identidade, novas propostas teóricas têm tentado enquadrar concatenar a *Era Viking* e o conceito de diáspora. Nestes termos, as comunidades escandinavas além-mar não viveriam hermeticamente fechadas, pois poderiam manter contatos com sua terra natal ou com indivíduos que participassem da mesma cultura, o que aumentaria a importância dos valores nórdicos. Outra opção seria a equiparação ou mescla, onde o grupo recém-chegado e os nativos mesclariam características e traços culturais. Por fim, restaria ainda a opção de esquecimento paulatino das tradições e costumes de outrora (ABRAMS, 2012: 17-38).

CONCLUSÃO

O advento do nome é sempre um grande fato, mesmo se a coisa o havia precedido; pois marca a etapa decisiva de tomada de consciência [...] Estimar que a nomenclatura dos documentos possa bastar completamente para fixar a nossa seria o mesmo, em suma, que admitir que nos fornecem a análise toda pronta [...] Uma palavra vale menos por sua etimologia do que pelo uso que dela é feito¹⁰⁶ (BLOCH, 1945: 103-105).

Depois desta longa e complexa regressão, fica a dúvida: a expressão *Era Viking* é o reflexo de um *zeitgeist*, uma delimitação temporal a partir de vieses nacionalistas ou, de maneira mais radical, um “modismo” colonialista do passado, que conspurca e distorce o passado?

¹⁰⁶ L'avènement du nom est toujours un grand fait, même si la chose avait précédé; car il marque l'époque décisive de la prise de conscience [...] Estimer que la nomenclature des documents puisse suffire entièrement à fixer la nôtre reviendrait, en somme, à admettre qu'ils nous apportent l'analyse toute prête [...] Un mot vaut beaucoup moins par son étymologie que par l'usage qui en est fait (BLOCH, 1945: 103-105).

Começarei do último elemento para o primeiro. No argumento de Svanberg, o caráter altamente regional de alguns costumes, como as tradições de sepultamento, podem indicar grupamentos étnicos, sociais e políticos distintos, mas reunidos no rótulo pan-escandinavo intitulado *Era Viking* (SVANBERG, 2003).

Porém, como afirmou Neil Price ao analisar também os sepultamentos do período, o problema desta interpretação é o descaso quanto às similaridades gerais da cultura material entre regiões, sem mencionar a linguagem e os padrões de assentamento, e foca apenas nas variações que não foram praticadas num *framework* mais amplo e consistente. Ao parafrasear Price, a promoção de identidades próprias por parte de vilas ou até mesmo comunidades maiores não significa que elas não tinham parte em identidades ainda maiores (PRICE, 2008: 259).

Ao mesmo tempo, o conselho de Bloch é extremamente útil. Apesar dos termos *vikingr* e *viking* serem controversos, o recorte temporal *Era Viking* é extremamente útil aos estudiosos da temática ou de grupos diferentes que compartilhavam contatos e o mesmo período em questão. A *Era Viking* veio para ficar.

No entanto, seria temerário ignorar os avanços (identidades, regionalismos, novas ferramentas teóricas) e retrocessos (tradição historiográfica irreflexiva, ideologias, escolhas pessoais ou ingenuidade intelectual). Bloch precisou que o nome e o uso são os elementos mais importantes. Mas, como eu tentei demonstrar no panorama do item anterior, muitos pesquisadores fracassaram ou deixaram-se levar pelas belas palavras dos eruditos anteriores, e impuseram os limites aos vestígios.

Meu conselho, neste caso, é simples: o historiador deve acompanhar o(s) objeto(s), os indícios e o contexto, com um olhar no recorte mais amplo e outro nos limites impostos pelas fontes, desde espaciais até de categorias analíticas. Após esta meticulosa tarefa, o estudioso precisa estabelecer quais são as balizas ideais conforme as escolhas da pesquisa, áreas analisadas (o político, o religioso, o cultural) e a possibilidade de interpenetração e de durações diferentes em cada um destes casos.

Trata-se de um trabalho extenuante, é verdade. Porém, ele é vital para preencher lacunas e entrever novas possibilidades para os estudos sobre a Europa Nórdica. Em essência, os indícios da *Era Viking* compartilham muitos elementos, mas ocultam, para quem se debruça sobre o material e não poupa esforços, uma complexidade fascinante e lancinante, que maravilha e fustiga o historiador, simultaneamente.

FONTES

MACLISE, Daniel. *Alfred, the Saxon King, disguised as a Minstrel, in the Tents of Guthrum the Dane*. Óleo sobre tela, 122.2 x 219.4 cm. Laing Art Gallery. Disponível em <http://www.bbc.co.uk/arts/yourpaintings/> Acesso em 05 fev 2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMS, Lesley. Diaspora and identity in the Viking Age, *Early Medieval Europe* 20 (1). London: Blackwell, 2012, p. 17-38.
- AINSWORTH, William Harrison. The Ballads and traditions of Northern Europe *In: _____*. (ed.). *New Monthly Magazine*. Vol. 130. Londres: Chapman & Hall, 1864, p. 479-495.
- ANDERSON, Rasmus Björn; BJANARSON, Jón & STEPHENS, George. *Viking tales of the North*. London: 1877.
- BARRETT, James H. What caused the Viking Age?, *Antiquity* 82 (2). Portland: Portland University Press, 2008, p. 671-685.
- BRINK, Stefan. Who were the Vikings? *In: BRINK, Stefan & PRICE, Neil (eds.). The Viking World*. Abingdon: Routledge, 2008, p. 4-7.
- BYOCK, Jesse. Modern nationalism and the medieval sagas *In: WAWN, Andrew (ed.). Northern Antiquity: the Post-Medieval Reception of Edda and Saga*. London: Hisarlik Press, 1994, p. 163-187.

- BLOCH, Marc. L'analyse historique In: _____. *Apologie pour l'histoire ou Métier d'historien*. Cahier des Annales, 3. Paris: Librairie Armand Colin, 1945, p. 85-115.
- CHAILLU, Paul Belloni. Settlement of Britain by Northmen In: _____. *The Viking Age: the early history, manners, and customs of the ancestors of the english-speaking nations*. Vol. 1. New York: Charles Scribners son's, 1889, p. 17-26.
- CHALMERS, George. Of the Picts In: _____. *Caledonia or A historical and topographical account of North Britain, from the most ancient to the present times*. Paisley: Alexander Gardner, 1887, p. 212-213.
- CHALMERS, George In: *ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA*, Vol. 5. Chicago: Encyclopaedia Britannica Press, 1910-1911, p. 808-809.
- CHAILLU, Paul B. *The Viking Age: the early history manners, and customs of the ancestors of the english-speaking nation*. Vol. 1. New York: Charles Scribners, 1889.
- CHRISTIANSEN, Eric. Introduction In: _____. *The Norsemen in the Viking Age*. Oxford: Blackwell, 2002, p. 1-9.
- COHAT, Yves. *Os Vikings: reis dos mares*. Lisboa: Livraria Civilização Editora, 1991.
- SVEND GRUNDTVIG In: *Dansk Biografisk Leksikon*. Disponível em http://www.denstoredanske.dk/Dansk_Biografisk_Leksikon/ Acesso em 02 fev 2013.
- DASENT, G. W. *The Vikings of the Baltic*. London: Chapman and Hall, 1875.
- DAVIDSON, Hilda Roderick Ellis. Introduction In: _____. *Myths and Symbols in Pagan Europe: Early Scandinavian and Celtic Religions*. New York: Syracuse University Press, 1988, p. 1-12.
- DOWNHAM, Clare. Viking Ethnicities: a historiographic overview, *History Compass* 10 (2), 2012, p. 1-12.
- DuBOIS, Thomas A. Introduction: Communities of Belief In: _____. *Nordic religions in the Viking Age*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999, p. 01-08.
- FLEMING, Robin. Monastic lands and England's defence in the Viking Age, *English Historical Review* 395, 1985, p. 247-265.

- FORTE, Angelo, ORAM, Richard & PEDERSEN, Frederik. Viking raiders: Scandinavian kingdoms and the wider world *In: _____*. *Viking Empires*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 01-06.
- HAGGARD, H. Rider. I meet sir Henry Curtis *In: _____*. *King Solomon's Mines*. Los Angeles: Indo-European Publishing, 2010, p. 01-08.
- HAMILTON, Andrew. Popular Tales of Denmark *In: MASSON, David (ed.)*. *Macmillan's Magazine*. Vol. VIII. Londres: MacMillan & Co, 1863, p. 43-48.
- HOLMAN, Katherine. Introduction *In: _____*. *Historical Dictionary of the Vikings. Historical Dictionaries of Ancient Civilizations and Historical Eras, No. 11*. Oxford: Scarecrow Press, 2003, p. 01-16.
- HØYRUP, Helene. Grundtvig, Svend (1824–1883) *In: HAASE, David (ed.)*. *Greenwood Encyclopedia of Folk Tales and Fairy Tales*. Westport: Greenwood, 2008, p. 433-434.
- JESCH, Judith. Viking activities *In: _____*. *Ships and Men in the Late Viking Age*. Woodbridge: Boydell, 2001, p. 44-67.
- JONES, Gwyn. Introduction *In: _____*. *A history of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 1958, p. 01-13.
- KENDRICK, Thomas Downing. Introduction *In: _____*. *A history of the Vikings*. New York: Charles Scribner's sons, 1930, p. 01-37.
- KINGSLEY, Charles. Chapter VIII *In: _____*. *Charles Kingsley: his letters and memories of his life*. Vol. 1. Londres: Macmilland and Co., 1910, p. 188-211.
- KRAG, Carl. The early unification of Norway *In: HELLE, Knut (org.)*. *The Cambridge History of Scandinavia*. Vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 184-201.
- LARSON, Laurence Marcellus. The heritage of Canute the Great *In: _____*. *Canute the Great, 995 (circ)-1035 and the rise of danish imperialism during the Viking Age*. New York: G. P. Putnam's sons, 1912, p. 01-36.

LARSON, Laurence Marcellus. Northern Culture in the days of Canute In: _____. *Canute the Great, 995 (circ)-1035 and the rise of danish imperialism during the Viking Age*. New York: G. P. Putnam's sons, 1912, p. 285-309.

LARSON, Laurence Marcellus. The collapse of the empire - 1035-1042 In: _____. *Canute the Great, 995 (circ)-1035 and the rise of danish imperialism during the Viking Age*. New York: G. P. Putnam's sons, 1912, p. 310-330.

LOYN, Henry. *The Vikings in Wales*. The Dorothea Coke Memorial Lecture in Northern Studies. Londres: Viking Society for Northern Research, 1977, p. 03-22.

MALLET, Paul-Henri. *Histoire de Dannemarc*: Introduction a l'histoire de Dannemarc, ou l'on traite de la religion, des loix, des moeurs & des usages des anciens Danois. Vol. 1. Genebra, 1763.

_____. *Northern antiquities or A description of the manners, customs, religion and laws of the ancient Danes, and other northern nations*. Tradução, prefácio, notas e outras traduções em apêndice por Thomas Percy. Londres: T. Carnan and Co., 1770.

_____; THOMSON, James. *Alfred: a masque*. Londres: A. Millar, 1751.

MAWER, Allen. Introduction In: _____. *The Vikings*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 01-03.

_____. The Viking movement down to the middle of the 9th century In: _____. *The Vikings*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 12-21.

MCDONALD, R. Andrew & SOMERVILLE, Angus A. (eds.). Introduction In: _____. *The Viking Age: a reader*. Toronto: Toronto University Press, 2010, p. xi-xvi.

MYHRE, Bjørn. The beginning of the Viking Age - some current archaeological problems In: FAULKES, Anthony & PERKINS, Richard (eds.). *Viking Revaluations*: Viking Society Centenary Symposium, 14-15 may 1992. London: University College of London, 1993, p. 182-204.

- PARKER, Joanne. The Dragon and the Raven: Saxons, Danes and the Problem of defining National Character in Victorian England, *European Journal of English Studies* 13 (5). London: Routledge, 2009, p. 257-275.
- PRICE, Neil. Dying and the dead: viking age mortuary behaviour *In*: BRINK, Stefan & PRICE, Neil (eds.). *The Viking World*. Abingdon: Routledge, 2008, p. 257-273.
- RICHARDS, Julian D. Reinventing the Vikings *In*: _____. *The Vikings: a short introduction*. oxford: Oxford University Press, 2005, p. 117-133.
- SINDING, Paul C. *The History of Scandinavia from the Early times of the Northmen and Vikings to the present day*. New York: Pudney & Russell, 1860.
- SYLVANUS URBAN, Gent. Scandinavian Book-Lore *In*: _____. *The Gentleman's Magazine and Historical Review*. Vol. 15. Londres: John Henry & James Parker, 1863, p. 09-13.
- THE ATHENAEUM: A Journal of Literature, Science, the Fine Arts, Music, and the Drama*. Nr. 1716. Londres, 15 Set 1860.
- THE NATION: A weekly journal*. Vol. VII. New York: 1868, p. 192-193.
- TREVELYAN, George Macaulay. Beginning of Nordic Invasions. Anglo-Saxon Conquest *In*: _____. *A History of England*. New York: Green & Co., 1942, p. 37-51.
- _____. Second Nordic Invasion. Viking Settlement and Influence *In*: _____. *A History of England*. New York: Green & Co., 1942, p. 69-81.
- ZAVARR. *The Viking: an epic*. London: E. Churton, 1849.
- WAWN, Andrew. Of Stockfish and Saga *In*: _____. *The Vikings and the Victorians: inventing the Old North in 19th-century Britain*. Cambridge: Boydell & Brewer, 2002, p. 03-33.
- _____. Protector of Northern Arts *In*: _____. *The Vikings and the Victorians: inventing the Old North in 19th-century Britain*. Cambridge: Boydell & Brewer, 2002, p. 60-89.
- WILLIAMS, Mary Wilhelmine. The Land and the people *In*: _____. *Social Scandinavia in the Viking Age*. New York: 1920, p. 01-22.
- WILLIAMS, Mary Wilhelmine. The career of the Viking; Weapons and Warfare *In*: _____. *Social Scandinavia in the Viking Age*. New York: 1920, p. 248-2